

Onde estão os 150 mil empregos prometidos pelo PS? *pág. 5*

Ex-patrão dos patrões quer reduzir salários em 30%! *pág. 5*

Apoios dados às PME não se destinam aos trabalhadores *pág. 4*

Acusar os imigrantes é fácil. Menos fácil é justificar a falência das políticas sociais e económicas *pág. 7*

**Contra a perseguição aos imigrantes na Europa. Manifestação, 12 Outubro, 15h, Martim Moniz (Lisboa) *pág. 10***

Bolívia: o dilema *pág. 11*

**A maior crise financeira mundial desde 1929 *pág. 13***

França: famílias ciganas metidas à força num comboio *pág. 16*



## Que segurança?

**E**nquanto a comunicação social enchia páginas com as tricas entre o PR e o Governo, como se isso fosse o centro da vida política nacional; enquanto o surto de assaltos era aproveitado para pôr em marcha uma campanha de alarme público e de

reforço dos poderes policiais, como se os males da população decorressem da ladroagem miúda – o PS fazia passar na Assembleia da República a nova lei laboral e centenas de trabalhadores continuavam a ser despedidos e a reclamar salários em atraso.

*Editorial e páginas 6 a 9*

## Denúncia Negócios escuros no vending

Os agora administradores da *MultiVending* foram no passado sócios e representantes de empresas ligadas ao mesmo sector. Iniciaram-se no *vending* com uma empresa chamada *Vending-portugal* (quicá até antes). Depois da dissolução dessa sociedade, apareceram à frente da *Autocafé, Lda*. Se pesquisarem no *Google* a palavra "autocafé", uma das primeiras opções da lista reencaminhar-vos-á aos Contribuintes Colectivos Devedores entre 100 mil e 500 mil euros, pelo que não creio estar longe da verdade. Após o insucesso desta última firma, surge a *Multivending* que, no decorrer do seu curto tempo de vida conseguiu ainda adquirir a *XisVending*.

Esta empresa detinha uma boa carteira de clientes e sólida reputação no mercado, fruto de uma gestão bastante profissional. É de louvar a forma prodigiosa como a administração da *Multivending* conseguiu comprar esta sociedade, não retirando qualquer proveito, quer economicamente quer pela assimilação dos excelentes processos pela qual se pautava a *XisVending*.

Na minha opinião – e creio ter deixado dados suficientes para uma investigação mais completa – trata-se de um esquema fraudulento de criação e falência de empresas, com naturais benefícios económicos para os sócios.

Os prejudicados contam-se os mesmos de sempre: fornecedores, credores, trabalhadores e empresas concorrentes do sector do *vending*. O pacote laboral podia e devia ter ido mais longe – porque não criar-se de igual modo um pacote empresarial, de modo a responsabilizar e condenar impiedo-



samente os empresários que se pautam por este tipo de condutas? Até lá, e sem tardar, ainda cá estaremos para ver os sócios fundadores da *Multivending* de volta ao sector do *vending*...

*Leitor identificado*

## Mensagem de um trabalhador da Multivending

Em meu nome e de todos os meus colegas, quero agradecer o apoio de todos os que estão connosco nesta luta que estamos a travar com a administração da *Multivending* – administração esta constituída pelo Dr. José Mendonça, Dr. Mário

Pinto, Dr. Caetano Beirão da Veiga, Dr. Carlos Beirão da Veiga e Dr.<sup>a</sup> Isabel Silveira (que por sinal é esposa do Dr. José Mendonça). Até à data de hoje, ainda não houve da parte de nenhum destes senhores qualquer palavra para com os trabalhadores, que estão à porta da empresa desde o dia 1 de Agosto, sem saberem o que o futuro lhes reserva.

Um muito obrigado a Manuel Monteiro. Um abraço a todos (em especial aos meus colegas de luta).  
*Paulo Reis*

## Nota da redacção

A mensagem enviada por Paulo Reis, em nome dos trabalhadores da *Multivending*, cuja luta o *Mudar de Vida* divulgou e procurou acompanhar de perto, é um gesto que acolhemos com a maior satisfação pelo simples facto de um grupo de trabalhadores em luta reconhecer no *MV* um seu companheiro de resistência. É justamente isso que procuramos: ser um meio de dar a conhecer as razões de quem luta. Pena é que o empenho dos trabalhadores da *Multivending* não possa ter como resultado a reintegração nos postos

de trabalho da empresa. Mas o caminho é este – o da luta e o do apoio à luta. Continuamos ao vosso dispor. Saudações a todos em nome da redacção do *MV*.

*Manuel Monteiro*

## O papel da UGT

Para quem não sabe, a UGT foi criada com um objectivo preciso: ser no movimento sindical um factor de colaboração de classe para levar sectores e trabalhadores na ilusão de que é – através do conluio, da submissão ao patronato – possível defender os seus direitos. Não é relevante a personalidade do seu secretário-geral ou presidente, estes dois cargos são repartidos por membros do PS e do PSD. Foram estes dois partidos e a restante direita que instituíram esta central sindical, recorrendo até a sindicatos fantasmas, para servir os interesses do patronato em particular os grandes. Não é por acaso que em muitas empresas o patronato aplica a todos os trabalhadores os contratos celebrados com os sindicatos filiados naquela central, mesmo aos que não são filiados naqueles.

*António Costa*

## MUDAR DE VIDA

Redacção Cristina Meneses, João Bernardo, José Mário Branco, M. Gouveia, Manuel Raposo, Pedro Goulart Colaboradores António Louçã, Cândido Guedes, Carlos Completo, Carlos Simões, Eugénio Silva, Chico Peixoto, Manuel Monteiro, Renato Teixeira, Rita Moura, Rui Pereira, Urbano de Campos Cartune Manuel da Palma Site David Raposo

Apartado 75066 EC Calçada de Carriche 1750-999 Lisboa  
jornalmudardevida@gmail.com www.jornalmudardevida.net

Assinaturas: 1 ano (12 números): Donativo mínimo 15 € / Apoio, o mais possível

Com a participação do Mudar de Vida

## Criada plataforma de trabalho artístico-político

Realizou-se no dia 19 de Setembro um encontro promovido pela associação Khapaz, na sua sede no bairro da Arrentela (Seixal), entre activistas e artistas da música e do trabalho comunitário. A iniciativa intitula-se “Sociedade Khapaz”. Entre outros, estiveram presentes: Chullage e LBC, rappers e activistas do movimento hip-hop, o músico José Mário Branco (do jornal MV), Guterres (associações Freestylaz e GAF) e Preto. O projecto apre-

sentado pela Khapaz, na voz de Chullage, consiste em ir criando um plataforma de trabalho político-artístico no sentido de concretizar iniciativas comuns, tais como: oficinas (*workshops*) de trabalho sobre a música e a palavra (*spoken word*); a criação de uma rede alternativa de produção e distribuição de música, fanzines, T-shirts, etc.; a formação e a discussão organizada de temas políticos; a interajuda na luta contra a repressão, a violência

policial, a discriminação e o racismo. A prova de que o encontro foi produtivo é que todos os presentes decidiram passar a encontrar-se todas as sextas-feiras entre as 20 e as 22 h, na Khapaz. Estes encontros regulares estão naturalmente abertos a todos quantos se identifiquem com os objectivos práticos acima referidos. O espaço da Sociedade Khapaz situa-se na Arrentela (Seixal), na Rua João Martins Bandeira, 7-A.

## Convívio do 1.º aniversário do MV no São Martinho

Por dificuldades de última hora, fomos forçados a alterar a data do convívio do Mudar de Vida, previsto para meados de Setembro.

A realização do encontro foi adiada para 8 de Novembro, sábado – primeiro dia do fim-de-semana que antecede o São Martinho, com o seu esperado Verão, que certamente não vai faltar.

### Local

O encontro realiza-se em Guimarães.

### Custos

Naturalmente, haverá um preço a pagar por pessoa, em função das despesas (comes e bebes, organização).

### Programa

Com eventuais ajustes, será o seguinte:

– durante a manhã, visita em grupo ao Centro Histórico de Guimarães

– cerca das 13h00, almoço

– a partir das 15h00, debate (em torno do primeiro ano de existência do MV e do futuro)

– pelas 20h00, jantar

– às 22h00, convívio cultural, com música e poesia.

### Dormidas

Para as pessoas idas de regiões mais distantes, assegura-se dormida do dia 8 para dia 9.

Existem ofertas de camas em Guimarães, no Porto e em Braga. Quem necessitar deste apoio deverá dizê-lo quando fizer a sua inscrição, indicando o número de pessoas.

### Inscrições

Os assinantes estão convidados desde já. A estes e aos outros leitores e amigos pedimos que façam, quanto antes, a sua inscrição para podermos avaliar todas as necessidades.

### Contacto

maugustomonteiro@hotmail.com

## Assinaturas MV Renovadas e novas

Chegámos à edição número 11, o que quer dizer que teremos que pedir aos primeiros assinantes a renovação da sua assinatura. Revela-se da maior importância que os pagamentos sejam regularizados de forma a garantir a saída do jornal atempada e regular por mais um ano, sem sobressaltos na tesouraria. Acontece também que alguns assinantes se esqueceram de proceder à transferência, o que não impiedu que continuássemos a enviar o

seu exemplar. Neste segundo ano de existência teremos de ser mais rigorosos. Já o dissemos, mais pesados que os custos de produção na tipografia são os encargos de envio por correio. Junte à sua renovação uma nova assinatura, de um colega, de um vizinho, de um familiar. Os pedidos de assinatura podem ser feitos no *site* [www.jornalmudardevida.net](http://www.jornalmudardevida.net) (Assinaturas). Indique nome, morada, código postal e proceda ao pagamento por transferência

bancária em qualquer caixa Multibanco (seleccionar “Outras Operações” e “Transferências”), inserindo a quantia a transferir e o NIB da conta de destino 0032 0114 00200524301 33. Para sabermos de quem vem o contributo não se esqueça de nos enviar um e-mail a comunicar a sua transferência. Pode utilizar o correio; envie nome, morada, código postal, indique o número a partir do qual inicia a assinatura e junte um cheque traçado ao portador.

## Os termos do confronto

Os meios políticos e capitalistas nacionais começaram por fazer crer que a crise era “americana” e que o sistema financeiro português não iria sofrer grandes danos. Agora, que a recessão é dada como certa, aproveitam a mundialização da crise para justificar a deterioração das condições de vida dos trabalhadores.

A afirmação do ministro da Economia de que acabou “o mundo de prosperidade (?) em que vivemos durante 10 a 15 anos” é um primeiro sinal de uma nova ofensiva sobre o trabalho a coberto das “dificuldades”.

O facto de termos um capitalismo débil faz com que as consequências por cá sejam ainda mais graves. As empresas com alguma expressão, sendo subcontratantes das transnacionais, serão as primeiras sobre as quais o grande capital sacudirá os custos da crise que, por sua vez, serão sacudidos sobre os trabalhadores.

Enquanto o capitalismo durar, os trabalhadores terão um dilema que é uma das armas mais fortes dos capitalistas. Se se recusam a suportar o peso da crise e o empurrar para o capital, os lucros dos patrões diminuirão, os investimentos mais se retrairão e o desemprego aumentará. Se cedem à ilusão de pacto entre capital e trabalho para ultrapassar a crise “em conjunto”, a deterioração das condições de vida é consentida pelos trabalhadores ou pelos seus “representantes” sindicais.

A resposta agora tem de ter por base o interesse de classe dos assalariados, contra o interesse de classe dos capitalistas. Não há interesses “nacionais” ou “económicos gerais” que estejam acima deste confronto. É pois urgente dar voz a todas as lutas, impedir o seu isolamento, estimulá-las, reforçar a solidariedade entre os trabalhadores. É o que nós, *Mudar de Vida*, procuraremos fazer.

# Apoios às PME não se destinam aos trabalhadores

Mais de mil milhões de euros beneficiam pequenos e médios patrões

No mesmo dia em que Ferreira Leite criticava o governo por não apoiar as pequenas e médias empresas, o governo destinava mais 400 milhões de euros de crédito para as ditas PME, depois de outros 750 milhões se terem esgotado em pouco tempo.

A imprensa brincou com a coincidência, dizendo, conforme a cor, ora que o PS ia a reboque do PSD, ora que as propostas do PSD eram tardias e inúteis. Mas há algo mais do que este lado anedótico. Independentemente de ser o PS ou o PSD a propor ou a fazer, o certo é que o poder abre os cordões à bolsa para apaziguar os pequenos e médios patrões. Efeito das acções, em Julho, dos pescadores e dos camionistas? Também, mas não só. Por um lado, as PME asseguram grande parte do emprego e a sua liquidação é factor de agitação social. Por outro, os grandes investimentos das próximas décadas no novo aeroporto de Lisboa e no TGV, dominados pelo grande capital, obrigam a compensar o “tecido económico” miúdo, para calar

bocas. Mas, acima de tudo, está o facto de a base social do poder residir na natural aliança entre grandes, médios e pequenos capitalistas. Comprometer esta aliança – como acontece quando a crise ameaça liquidar uma centena de milhar de PME este ano (40 mil fecharam de Janeiro a Julho) – seria retirar base ao poder e pôr em risco a sua estabilidade.

Contra esse risco, PS e PSD formam hoje um bloco de forças políticas com mais afinidades que nunca – facto que traduz a unidade do bloco social da burguesia capitalista para fazer face à crise.

Estes factos contêm um alerta para as classes trabalhadoras, sobretudo se vistos à luz dos acontecimentos de Junho. Primeiro, o apoio de muitos trabalhadores às paralisações patronais contra a alta dos preços dos combustíveis deu alguns benefícios aos pequenos e médios patrões, mas não deu um cêntimo a mais aos trabalhadores assalariados. Segundo, o apoio às PME só muito indirectamente (e temporariamente) poderá ajudar os trabalhadores a manter o emprego, porque a tendência de fundo da “modernização” será sempre a de liquidar as pequenas e médias empresas e de reduzir o número de empregos. E, terceiro, como é possível ver pelas posições do



governo e dos patrões, os salários vão continuar cada vez mais em baixo, seja através do aumento do trabalho precário, seja pela perda de valor em resultado da inflação, seja mesmo pelo abaixamento em valor absoluto – como já sugeriu, em jeito de guarda avançada do patronato, o ex-presidente da CIP, Ferraz da Costa.

**Manuel Raposo**

## “Trabalho num *call center*”

Trabalho num *call center* da TMN em Lisboa vai para dois anos. Atendo as reclamações dos clientes do serviço de telefones móveis. Eu e todos os demais trabalhamos a recibos verdes.

Faço seis horas por dia. As pausas (para descansar, tomar qualquer coisa ou ir aos sanitários) são curtas, não mais de 10 minutos, e só as podemos fazer quando os responsáveis permitem. Apenas um número reduzido de trabalhadores, de cada vez, é autorizado a interromper o atendimento. Já me aconteceu trabalhar as seis horas seguidas sem sequer ir à casa de banho. A princípio aceitei fazer horas extra, na ideia de ganhar mais qualquer coisa. Mas como nos pagam, não em dinheiro, mas em vales de compras (no Continente e outros),

desisti. De que me servia suportar mais horas de trabalho para, no fim, não ter dinheiro para usar como eu quero, mas como eles querem?

Somos de 30 a 50 em cada um dos três *call centers* da TMN em Lisboa. Todos os dias há, permanentemente, centenas de chamadas em espera. A maioria, de pessoas que têm queixas a fazer por maus serviços prestados. Mas temos de aturar também miúdos que brincam pelo telefone (as chamadas são gratuitas), gente mal-educada ou desesperada com o serviço, etc. E temos de aguentar tudo isto sem poder reagir. Somos escutados (e gravados) pelos responsáveis, que nos podem pôr na rua se não respondermos aos clientes segundo as normas – e que usam afinal esta vigilância como uma ameaça

constante sobre nós, para o que der e vier. É um trabalho estafante e feito debaixo de pressão constante.

Os responsáveis que dirigem os *call centers* querem que façamos também vendas de serviços pelo telefone para rentabilizar os contactos com os clientes. Não podemos recusar. Mas sai-nos do corpo: além de ouvir e dar resposta aos clientes, cada um com o seu problema diferente, ainda temos de pensar em convencê-los a comprar mais um serviço qualquer.

Resta dizer que, por tudo isto, ganho 2,46 euros por hora. Como desisti das horas extra, o que trago para casa não chega a 500 euros por mês. Tenho 30 anos e sou licenciada.

**AML**

## BREVES

### Greve na Soflusa

Uma greve dos trabalhadores da Soflusa iniciada em 1 de Setembro prolongou-se pelos dias 2 e 3. Registou elevada adesão e afectou seriamente os transportes fluviais entre o Barreiro e Lisboa. Só com transportes alternativos foi possível minimizar a situação. A greve foi convocada por não ter havido acordo com a empresa sobre a revisão salarial para 2008. Novas acções de luta estão a ser preparadas pelos trabalhadores enquanto o Ministério do Trabalho convocou a empresa para uma reunião de conciliação.

### Beiralã em falência

A administração da Beiralã, fábrica têxtil de Seia, anunciou aos seus 208 trabalhadores que vai pedir a insolvência da empresa ficando por pagar os salários do mês de Agosto. 150 a 170 trabalhadores, escolhidos pela administração, vão suspender os seus contratos de trabalho. Segundo o presidente do Sindicato Têxtil da Beira Baixa, que parece conformado com a saída “temporária” dos trabalhadores, se os credores não viabilizarem o plano de recuperação será decretada a falência da empresa. Ainda segundo ele, a solução apontada pela administração é um “mal menor” se, de futuro, a fábrica puder continuar a laborar apenas com 100 trabalhadores.

### Supremo decide

A cidadã X, acusada de fogo posto, ficou presa preventivamente durante 14 meses, até ao julgamento. Aí foi absolvida. Entretanto, tendo requerido uma indemnização, para ser ressarcida pelo tempo passado em prisão preventiva, viu essa sua pretensão recusada, por decisão do Supremo Tribunal de Justiça. Assim se protegem os interesses do aparelho de Estado (incluída a corporação de que fazem parte os juizes) e se postergam os direitos dos cidadãos. É esta a justiça que se pratica em Portugal.

## BREVES

**Camac em luta**

Os trabalhadores da Camac (única fábrica portuguesa de pneus, em Santo Tirso), iniciaram em finais de Agosto uma greve pelo pagamento integral dos salários em atraso. E, em 9 de Setembro, cerca de 100 trabalhadores reuniram-se frente à Câmara Municipal em protesto contra esta situação. Com salários baixos e 4 meses em atraso, é fácil compreender as dificuldades económicas em que se encontram estes trabalhadores. Assim, 130 já tiveram que suspender os contratos de trabalho com a empresa, como forma de receber o subsídio de desemprego. Quem sabe, talvez seja outro "mal menor"...

**Paralisação nos STCP**

Os trabalhadores do Sindicato Nacional dos Motoristas e do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários e Urbanos de Portugal decidiram, em plenário, paralisar os Serviços de Transportes Colectivos do Porto a 10 de Outubro. Fazem-no como protesto contra a discriminação promovida pela empresa contra os trabalhadores do SNM e do STRUP, no acordo recentemente realizado com outros dois sindicatos. São assim os patrões – dividir para reinar. Mas o caminho certo é a luta.

**Casas em leilão**

Com as taxas Euribor a atingirem valores altíssimos, é cada vez maior o número de portugueses que se vêem obrigados a devolver as casas aos bancos. Isto tem ficado patente nos mais recentes leilões de casas. Mais de 1 milhão e 800 mil famílias estão endividadas à banca e, em 2008, terão de lhe pagar cerca de 5.800 milhões de euros. A crise do capitalismo à escala mundial é um motivo de agravamento das já precárias condições vividas pela generalidade dos portugueses nos domínios do emprego, do consumo e da habitação.

Há que pedir contas

**Onde estão os 150 mil novos empregos prometidos pelo PS?**

Na campanha eleitoral de 2005, o PS prometia 150 mil novos postos de trabalho. Muita gente ingénuo terá acreditado então que numa nova legislatura, com este partido no poder, diminuiria efectivamente o desemprego. Julgavam tratar-se da promessa de um saldo líquido positivo entre a criação de novos empregos e a destruição de emprego resultante da modernização, encerramento e deslocalização de empresas. Hoje, com um desemprego real envolvendo mais de 500 mil trabalhadores, está bem à vista como essa credulidade saiu cara a alguns, assim como o tipo de manipulação eleitoralista que se escondia em tal promessa.

Agora, Sócrates surgiu de parceria com a PT a prometer mais 1.200 postos de trabalho num *call center* em Santo Tirso. Mas promessa a cumprir eventualmente só no segundo semestre de 2009. E não dizem que se trata de uma efectiva deslocalização de serviços da PT de Lisboa para Santo Tirso, isto é, que sob a capa da descentralização, a empresa pretende colocar serviços nos locais onde sabe estar garantida uma força de trabalho mais barata!



Por outro lado, quando temos bem presente a constante propaganda do governo sobre a necessidade de trabalho qualificado e de excelência, que dizer do tipo de empregos criados e a criar durante este governo do PS? Em grande parte, empregos precários e mal pagos. Significativo é que muitos dos jovens licenciados actualmente só consigam emprego em *call centers*. Mas, apesar desta evidência, a demagogia eleitoralista do governo e do PS prosseguem.

Assim, com a próxima imposição do novo Código do Trabalho, desenvolvem-se condições para a generalização do trabalho precário, para a intensificação da exploração da força de trabalho e, claro, para uma maior acumulação de capital. Aliás, é para cumprir estas tarefas que o governo do PS lá está. Neste campo, o governo de José Sócrates tem-se revelado indubitavelmente bastante mais eficaz que os restantes partidos do capital.

**Pedro Goulart**

**Ex-patrão dos patrões quer reduzir salários reais em 30%!**

Numa entrevista ao *Semanário Económico*, Ferraz da Costa, ex-patrão dos patrões, defende que os salários reais dos trabalhadores portugueses devem reduzir 30%, de forma a melhorar a competitividade da economia portuguesa. Do alto dos seus elevados rendimentos, Ferraz da Costa só pode estar a gozar connosco. O país mais pobre e mais desigual da União Europeia, onde quase 20% da população vive no limiar da pobreza, tem como solução para a sua economia um maior, e compulsivo, empobrecimento da sua população. Provavelmente, Ferraz da Costa estaria disposto a colaborar para a constituição de mais Bancos Alimentares Contra a Fome, a contri-

buir para os fundos do Rendimento Social de Inserção, a apoiar peditórios aos países ricos para ajuda alimentar ao seu país, pondo-o ao lado de outros lugares onde a miséria, a fome e a dor campeiam. A falta de competitividade da nossa economia, esquece aquele "gestor", não é responsabilidade dos trabalhadores. Esquece aquele "gestor" que os sucessivos governos têm deixado para trás a educação e a formação, em troca de muito asfalto e muito betão (querem melhor exemplo do que o desemprego de 35 a 40 mil professores num país onde tanto falta na área do ensino?). Esquece aquele "gestor" a culpa dos empresários, para quem a forma-

ção, a organização, os meios tecnológicos estão a milhas das suas preocupações.

Provavelmente não esquece e conhece muito bem tudo isto. Mas é fácil fazer partir a corda pela parte mais frágil. É tão fácil agredir o elo mais fraco. É tão fácil bater em quem está por baixo.

Uma verdadeira monstruosidade digna de quem deve considerar o trabalhador como um número, mais uma peça de uma máquina que se substitui, que se deita ao lixo quando não serve. Mas há famílias, há dignidade, há sentimentos, completamente olvidados por este e muitos outros monstros da gestão. Mas nós não esquecemos, sr. engenheiro.

**Faria de Almeida**

# Jerónimo e os gatunos

No seu discurso por ocasião da Festa do *Avante!*, Jerónimo de Sousa, secretário-geral do Partido Comunista Português, proferiu algumas curiosas declarações acerca de «o sobressalto e a justa preocupação dos portugueses» relativamente às «medidas concretas que no curto prazo possam sustentar o avanço da criminalidade». Mas quando as pessoas mais recordadas da dialéctica marxista esperariam que Jerónimo de Sousa reivindicasse uma repartição menos desigual dos rendimentos e uma luta contra a pobreza nos bairros marginalizados das periferias, o que ouviram foi a reclamação contra a «falta de polícias nas ruas das nossas vilas e cidades».

Este discurso da ordem destina-se provavelmente a atrair aqueles trabalhadores que, pondo as questões de segurança à frente das questões de classe, aceitam o

simplicismo reaccionário com que a direita, a televisão e a imprensa popular gostam de apresentar o problema; porque Jerónimo de Sousa sabe tão bem como nós que nunca há mais ladrões por haver menos polícias, mas, ao invés, que há sempre mais polícias por haver mais ladrões. A causa dos roubos é muito diferente. E se de um lado se aumentam a pobreza e a precarização do trabalho e do outro lado se aumentam os efectivos policiais, no meio o que é que fica?

Há mais de século e meio, o genial romancista Balzac, que apesar de ser politicamente conservador era muitíssimo mais atento do que Jerónimo de Sousa às contradições sociais, explicava pela voz de um dos seus mais pujantes personagens, uma espécie de anarquista individualista: «Os inimigos da ordem social aproveitam-se

deste contraste para se esganiçarem contra a justiça e se indignarem em nome do povo porque se manda para os trabalhos forçados alguém que numa noite vai roubar galinhas num recinto habitado, enquanto se condena só a alguns meses de prisão um homem que arruína famílias com uma falência fraudulenta, mas estes hipócritas sabem muito bem que ao condenarem o ladrão os juizes defendem a barreira entre os pobres e os ricos, que se fosse derrubada traria o fim da ordem social; enquanto o autor da bancarrota, o hábil interceptor de heranças, o banqueiro que dá cabo de um negócio em seu benefício não provocam senão transferências de fortuna». Pois é. Roubar quando já se tem dinheiro no bolso é muito diferente de roubar quando não se tem dinheiro nenhum.

**João Bernardo**

## Mesmo assim, muito sereno é o povo

O directo sobre o assalto ao banco em Campolide, com esse tempero especial que foi ver-se a polícia a balear os dois assaltantes, foi o motor de arranque para uma campanha sistemática de toda a comunicação social dirigida a dois alvos: exigir reforço dos poderes policiais e apontar o dedo aos imigrantes.

O ar de triunfo dos polícias e do ministro; os parabéns aos colegas da parte do general Loureiro dos Santos (esse fã do lançamento da guerra contra o Iraque); mais os ex-polícias, os psicólogos e os sociólogos a dar explicações – parecia uma orquestra que esperava o momento de entrar em palco.

Naturalmente, a comunicação social não inventa os assaltos e é evidente que a criminalidade deste tipo está a aumentar. Mas em vez de o facto ser motivo de uma investigação que desvende as origens do problema, excita-se a opinião pública com a catadupa de notícias sobre todo o tipo de desactos (roubos ou simples rixas, tudo serve o mesmo objectivo) e canaliza-se o receio das pessoas para a aceitação de medidas excepcionais de repressão.

Para além deste direccionamento deliberado da campanha contra as liberdades (é disso que se trata), há uma evidente desproporção entre o que acontece e a publicidade que é dada aos factos. Seguramente, é muito maior o medo infundido nas pessoas pelo alarme criado, do que o risco real que cada um tem de ser assaltado. Também a impressão causada nas pessoas de que grandes montantes estão a ser roubados não corresponde à realidade. Por exemplo, nos seis primeiros meses deste ano houve cerca de 100 assaltos a bancos e foram roubados 440 mil euros; o que representará duas centenas de assaltantes a actuarem por ano e um ganho de 4.400 euros por assalto.

É inevitável, diante disto, trazer à baila os grandes roubos praticados com cobertura legal – comparação de que os detractores do pequeno assalto não gostam e acham sempre demagógico lembrar nestas alturas. Roubo por roubo – e apenas como exemplo – Jardim Gonçalves, num só golpe, deu 15 milhões de euros do BCP a um filho e outro tanto a um amigo. E o PSD, numa assentada, subtraiu uns 80 mil euros de fundos europeus para “formação”,

que não se sabe onde foram parar, através duma respeitável fundação “Oliveira Martins”. Etc.

Depois, há outra realidade sistematicamente omitida na campanha em marcha: a relação entre o aumento do roubo e a degradação social. É impossível não ver relação entre o crescimento da criminalidade e da violência, e o descalabro das condições de vida da grande massa da população.

Não quer dizer que quem rouba o faça para comer. Mas é do senso comum que a degradação das condições de vida material sujeita as pessoas a degradação moral, marginaliza-as e empurra uma (em todo o caso, pequena) percentagem delas para o crime.

E, assim sendo, é chocante e é instrutivo ver como nenhuma das medidas reclamadas pelos agitadores da campanha anti-crime e nenhuma das medidas preconizadas pelo governo apontam para a necessidade de melhorar as condições de vida das populações, reduzindo tudo a uma questão de polícia e aproveitando o ambiente de medo incutido na população para caucionar, tão só, mais medidas repressivas.

**Manuel Raposo**

## BREVES

### Ar bafiento

Diz José Luís Arnaut, representante do PSD na Convenção do Partido Republicano dos EUA, que Sarah Palin, candidata à vice-presidência deste país, foi uma “lufada de ar fresco” na política norte-americana. Esta mulher da direita mais conservadora, “pitbull” de McCain no dizer de alguns, é contra a educação sexual nas escolas, pela abstinência sexual antes do casamento, contra o aborto e pelas teses da “Criação” contra o evolucionismo. É, ainda, membro do principal lóbi norte-americano a favor da venda livre de armas (*National Rifle Association*), defende a pena de morte e afirma que a guerra do Iraque foi “uma benção de Deus”. Será que Arnaut queria dizer lufada de ar bafiento?

### Enfermeiros em greve

A direcção do Sindicato dos Enfermeiros informou que a adesão à greve nacional de dois dias iniciada dia 30 se situou entre 60 e 80 por cento, com muitos serviços hospitalares e centros de saúde paralisados a 100 por cento. Dia 1 realizou-se uma assembleia geral de enfermeiros para debater formas de radicalizar a luta; e no final foi feita uma manifestação-concentração diante do ministério da Saúde. Os enfermeiros exigem que 5 mil profissionais contratados a prazo passem a efectivos e reclamam a contratação de mais enfermeiros dada a sua escassez para as necessidades de atendimento à população.

### Boicote

Em resposta à decisão do governo em baixar 30 por cento o preço dos medicamentos genéricos, os farmacêuticos ameaçam com a “ruptura dos stocks”. A coberto de argumentos técnicos, a Ordem dos Farmacêuticos declarou, afinal, que assim o negócio não interessa às farmácias, que estão a deixar de encomendar genéricos.

## BREVES

**Greve na Função Pública**

O dia de luta dos trabalhadores da função pública realizado no 1 de Outubro, começou com forte adesão em muitos sectores. Em cinco hospitais de Lisboa e no INEM a greve foi a 100 por cento; e em vários outros hospitais do país as paralisações situaram-se entre 50 e 90 por cento. Também a recolha de lixo e a circulação de comboios foram afectadas desde as zero horas. Outros serviços, como escolas, centros de saúde, postos de segurança social, repartições de finanças, conservatórias, museus paralisaram também. Realizaram-se concentrações e desfiles em diversas localidades levantando as exigências dos trabalhadores por melhorias salariais e contra o código do trabalho.

**Pulsão consumista**

O consumo de antidepressivos entre a população portuguesa continua a aumentar, sendo mais do triplo da média verificada em 15 dos países da UE. O presidente do colégio de psiquiatria da Ordem dos Médicos aponta os critérios de diagnóstico "mais apurados" e a "pulsão do consumo" como responsáveis pela subida. Não lhe ocorreu relacionar o facto com a depressão causada nas famílias pela insegurança do emprego, os baixos rendimentos, as reformas miseráveis, a falta de perspectivas de vida dos jovens.

**Muito complicado**

A atribuição de casas a amigos pelos serviços da Câmara Municipal de Lisboa foi, ao que parece, prática corrente de todas as vereações. Carmona Rodrigues confessou "algum desleixo" e "grande admiração" com os casos que lhe foram revelados, admitindo mesmo "desgoverno na gestão do património". Mas quando lhe perguntaram porque não pôs cobro ao abuso respondeu que "era muito complicado".

# Acusar os imigrantes é fácil

Menos fácil é justificar a falência das políticas sociais e económicas

A PERCIP, Plataforma das Estruturas Representativas das Comunidades Imigrantes em Portugal, reagiu, em comunicado de 14 de Setembro, contra a campanha que tenta associar a recente onda de criminalidade e assaltos às comunidades imigrantes. Como refere a PERCIP, atribuir a criminalidade aos imigrantes é um discurso simplista, de rápida aceitação; e constitui o mais fácil argumento para encobrir a falência das políticas sociais e económicas que atinge toda a população trabalhadora, independentemente da sua origem nacional e cultural.

Basta que um cidadão estrangeiro cometa um crime para logo se

insinuar que os imigrantes são os principais responsáveis pelo aumento da criminalidade. Muitas das afirmações e ideias veiculadas nos órgãos de comunicação social e por alguns dirigentes políticos são uma tentativa de encontrar bodes expiatórios para problemas de natureza social e económica que carecem de medidas de fundo.

A criminalidade tem origem tanto em comunidades autóctones como estrangeiras. Não é um produto exclusivo dos estrangeiros que procuraram, legitimamente, Portugal para trabalhar e viver. Não há nenhum dado ou estudo que nos diga que a presença dos imigrantes é um factor para o aumento

da criminalidade. Pelo contrário, os estudos feitos nesta matéria concluem que os imigrantes apresentam uma menor propensão para a prática criminal do que os cidadãos nacionais.

Hoje, os imigrantes representam cerca de 5% da população residente e 10% da população activa em Portugal. O clima de insegurança afecta toda a sociedade portuguesa, partindo do princípio que dela também fazem parte os cidadãos estrangeiros. Por isso, como sublinha a PERCIP, os imigrantes estão tão interessados como os nacionais na solução do problema da criminalidade em Portugal. **PERCIP / MV**

## Que segurança?

Às classes dominantes não incomoda o facto de serem cada vez maiores as desigualdades económicas e sociais

Televisões e jornais, polícias e magistrados, políticos do sistema, parasitando o alarme popular resultante de alguns assaltos violentos, têm-se atarefado a exigir uma legislação mais dura e medidas imediatas no sentido de prender e guardar presos milhares de cidadãos. Até algumas pessoas de esquerda alinharam no alarido, evidenciando o seu pendor autoritário. Trata-se, no conjunto, de gente que defende um estado repressivo e que prefere o velho método de prender para investigar. E, sob a capa da necessidade de segurança que eles invocam, está a protecção dos patrimónios e interesses das classes possidentes. Com a legislação anterior, milhares de cidadãos foram presos preventivamente durante meses ou anos, depois saíram absolvidos e sem qualquer indemnização. Ao pretender uma legislação mais rigorosa, muita desta gente ligada ao poder continua a escudar-se na impunidade de que habitualmente tem gozado o aparelho judicial e quer, de facto, voltar a uma legislação ainda mais dura que a anterior, pois a crise agrava-se e o capital precisa de manter os trabalhadores e o povo com rédea curta.

O governo, demagogicamente, numa campanha ridícula, mandou



algumas centenas de polícias cercar bairros sociais, onde vivem os mais pobres e excluídos. O saldo traduziu-se nalgumas idas a esquadras, autuações a condutores alcoolizados ou em excesso de velocidade, assim como na apreensão de alguns gramas de droga e de uma meia dúzia de armas. Claro que a polícia não foi à Quinta da Marinha, à Foz ou aos condomínios privados, onde residem alguns dos grandes vigaristas e espoliadores das riquezas do país. Às classes dominantes e aos seus serviços não os incomoda o facto de serem cada vez maiores as desigualdades económicas e sociais, o desemprego, a precariedade e a taxa de exploração.

Claro, é neste contexto que elas acumulam o seu capital! Mas não percebem, senhores do poder, que os assaltos e a violência também têm a ver com esta situação económica e social que hoje se vive?

Aqui chegados, nós, os que estamos do lado dos explorados e oprimidos, também é tempo de perguntarmos em voz alta onde está a segurança na saúde, na habitação e no emprego dos trabalhadores e de grande parte da população portuguesa? Na verdade, quando falamos de segurança, nós e essa gente do poder não falamos exactamente da mesma coisa.

**Pedro Goulart**

Enquanto a comunicação social enchia páginas com as tricas entre o PR e o Governo, era aproveitado para pôr em marcha uma campanha de alarme público e de reforço da miúda – o PS fazia passar na Assembleia da República a nova lei laboral e centenas



## GNR e trabalhadores guardam bens da fiação Fidar

**A**gentes da GNR estão a guardar as instalações da fiação Fidar, em Gondar, Guimarães, por ordem do Tribunal, que atendeu a um pedido dos trabalhadores. A medida tem carácter cautelar e destina-se a salvaguardar o património da empresa, surgindo depois de algumas escaramuças com a administração. Ironicamente, depois de ter sido chamada para obrigar trabalhadores despedidos da empresa de Gondar, Guimarães, a abandonar as instalações da fábrica, por solicitação da administração, a GNR efectua, juntamente com os operários – acantonados numa tenda às portas da unidade industrial – a acção de vigilância às instalações da Fidar. A medida

decretada pelo Tribunal de Guimarães destina-se a acautelar os bens da empresa, salvaguardando qualquer tentativa de remoção e, conseqüentemente, a assegurar o património que poderá custear as indemnizações a credores e operários. A Fiação Fidar, em Gondar, encerrou a laboração no início do mês de Agosto. Cento e cinquenta trabalhadores ficaram sem emprego, mas cerca de uma centena permaneceu, de forma rotativa, no interior da empresa para impedir «a saída de bens». Depois da acção da GNR, a retirada dos operários do interior da fábrica de fiação, um espaço de «propriedade privada», decorreu «de forma pacífica e ordeira». «Os antigos funcionários estavam a cometer um crime porque estavam a ocupar um espaço privado

sem que, para isso, tivessem autorização», referiu um membro da administração da Fidar. Os funcionários passaram do interior para o exterior, abrigando-se numa tenda improvisada e mantendo vigilância permanente, de forma rotativa, dia e noite, faça sol ou chuva. «Daqui só saímos com aquilo a que temos direito», asseguram, tendo requerido a presença policial, depois de nova escaramuça com a administração, que tentou retirar um automóvel da unidade fabril. O pedido de insolvência apresentado pelos trabalhadores associados do Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes já foi aceite pelo Tribunal de Guimarães. A Fidar dedicava-se à preparação e fiação de fibras para a indústria têxtil.

**Celestino Braga**



como se isso fosse o centro da vida política nacional; enquanto o surto de assaltos aos poderes policiais, como se os males da população decorressem da ladroagem de trabalhadores continuavam a ser despedidos e a reclamar salários em atraso.

## Depois de ponderarem regresso ao trabalho 255 operários da TOR suspenderam contratos

**O**s 255 trabalhadores da empresa têxtil TOR, de Barcelos, analisaram, em plenário, a possibilidade de regresso ao trabalho, fazendo depender a resolução final do pagamento dos salários em atraso. A decisão definitiva foi tomada a 25 deste mês: como não receberam os seus salários, os operários recorreram ao mecanismo da suspensão do contrato de trabalho, para poderem aceder ao subsídio de desemprego.

O dirigente do Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes, Manuel Sousa, adiantou que os trabalhadores não recebem salários há três meses, apesar de a administração lhes ter prometido o pagamento do mês de Agosto. No último plenário, a nova proposta da administração apontava para o regresso ao trabalho a 6 de Outubro, mas os trabalhadores apenas acederiam se vissem pagos os salários e subsídio de férias em atraso.

A administração precisava de 300 mil euros para liquidar o compromisso e avançou, em alternativa, com uma proposta de rescisão amigável de contratos, com pagamento de 50 por cento de indemnizações em três anos. Uma proposta de que os operários nem querem ouvir falar, recusando qualquer receptividade.

O Sindicato Têxtil do Minho e Trás-os-Montes não tinha dúvidas, já antes do plenário do dia 25, que o futuro da empresa, que abriu há 49 anos e já teve mais de mil trabalhadores, era «muito incerto» e encerrava «várias fragilidades e dificuldades». «Tem várias dívidas, um parque de máquinas relativamente ultrapassado e deseja uma reestruturação que passa pela dispensa de mão-de-obra».

Assim, a suspensão do contrato de trabalho, para aceder aos subsídios de desemprego, e um eventual pedido de insolvência por via judicial eram efectivamente os caminhos que se afiguravam mais plausíveis, dado que, até então, as partes tinham «mantido contactos, mas sem resultados práticos».

Até que o desfecho fosse conhecido, à porta da fábrica foram muitas as queixas de quem nela trabalha há muitos anos, e que se vê, de repente, sem dinheiro para pagar as contas mensais e a educação dos filhos.

O concelho de Barcelos, onde predomina a indústria de malhas, tem sido um dos mais atingidos pela crise do sector, somando já 4.500 desempregados, quase 10 por cento dos desempregados no distrito de Braga que, segundo o Sindicato, são já 50 mil.

**Celestino Braga**

## Há mais 11 mil emigrantes portugueses na Galiza

A União de Sindicatos de Braga (USB) assegura que os dados recentes sobre a emigração portuguesa na Galiza apontam para um crescimento de 11 mil trabalhadores em 2008, de 40 para 51 mil. Segundo Adão Mendes, coordenador da USB, os dados obtidos junto do Instituto de Emprego galego, «contrariam a ideia de que muitos trabalhadores portugueses começariam a regressar, devido aos problemas conjunturais vividos pela economia espanhola».

A estrutura sindical considera que o primeiro-ministro José Sócrates, que participou, em Guimarães, num comício de «reentrêe» do Partido Socialista, deveria ter em conta o recente crescimento, «igual ao do tempo de Salazar», quando fala de emprego e de economia.

«Os centros de emprego de Braga dizem que o desemprego desceu, mas ninguém fala da emigração para Espanha e para o estrangeiro», contabilizou o responsável. Adão Mendes lembrou que já desafiou o Instituto de Emprego a anunciar quais foram os investimentos que criaram emprego no distrito de Braga, contrapondo que os números do desemprego no distrito não param de aumentar.

O sindicalista acentuou que os números da emigração para a Galiza

contêm apenas os que se legalizaram nas instituições do Governo regional, frisando que «há, também, dezenas de pequenas empresas da construção civil do Minho – de Viana do Castelo, Barcelos, Esposende, Paredes de Coura e Vila Verde – a operar na zona». Observou que as empresas minhotas levam 10 a 15 trabalhadores para pequenas obras na Galiza sem cumprir as formalidades legais já que os mantêm inscritos em Portugal quando seriam obrigados a fazê-lo na Segurança Social de Espanha. O organismo sindical contesta, ainda, os números oficiais do Instituto de Emprego, que apontam para uma descida do número de desempregados, contrapondo que na Segurança Social de Braga, diminuiu muito o número dos que contribuíram e aumentou os que recebem desemprego. E salienta que no sector têxtil e das malhas nos vales do Ave e Cávado, «há entre sete a oito empresas em vias de falência», algumas delas com mais de 200 trabalhadores.

«O Governo não apoia nenhuma empresa, mesmo as viáveis, e a banca não liga nenhuma, não empresta um tostão», acusa Adão Mendes.

**Celestino Braga**

# Contra a perseguição aos imigrantes na Europa

Manifestação, domingo 12 de Outubro, 15h, Martim Moniz (Lisboa)

Em 15 e 16 de Outubro, o Conselho Europeu reunirá os chefes de Estado e de governo dos 27 para ratificar o "Pacto Europeu sobre Imigração e Asilo", aprovado no conselho de ministros de 25 de Setembro.

O Pacto proposto por Sarkozy, no contexto da presidência francesa, visa definir as linhas gerais da União Europeia nesta matéria e assenta em cinco pontos fundamentais: organizar a imigração legal, priorizando a adopção do "cartão azul", para recrutamento de mão-de-obra qualificada; facilitar os mecanismos e procedimentos de expulsão e estabelecer nesse sentido parcerias com países terceiros e de trânsito; concretizar uma política europeia de asilo; reforçar o controlo das fronteiras; proibir os processos de regularização colectiva.

Solidárias com a luta que se desenvolve na Europa e no mundo – contra as pretensões de expulsão dos(as) imigrantes, contra a vergonha de uma Itália que



estabelece testes ADN como instrumento de perseguição dos ciganos(as), contra as rusgas selectivas, arbitrárias e estigmatizantes, contra a criminalização dos(as) imigrantes, contra a ofensiva das políticas securitárias e racistas, alimentadas pelo tratamento jornalístico distorcido feito por alguns meios de comunicação social

– dezenas de organizações de imigrantes, de direitos humanos, anti-racistas, culturais, religiosas e sindicatos, marcaram para o próximo dia 12 de Outubro, domingo pelas 15h, no Martim Moniz, uma jornada de acção pela regularização dos indocumentados(as), contra a onda de xenofobia e contra o Pacto Sarkozy.

## “Estes senhores do capital fazem o que querem de nós”

Salários na mão do patrão da Capepresso

“Estamos já no limiar da pobreza e em grande desespero. Ajudem-nos, pois um dia poderão estar na nossa situação”. Este o apelo de cerca de 30 trabalhadores despedidos da empresa Capepresso, de Gemunde (Maia), com salários em dívida que chegam a atingir 4 mil euros; sem subsídio de desemprego porque formalmente não foram despedidos e a empresa só lhes dá os papéis se assinarem uma declaração em como não lhes deve nada; obrigados a recorrer a empréstimos informais para poderem fazer face às despesas mínimas de sobrevivência.

Há fortíssimos indícios de que a actividade económica da Capepresso (venda de máquinas de café e de café) e seus activos vão passar

para outra empresa, a Expostar, do mesmo proprietário (formalmente da mulher e do filho). Mas o mesmo não sucederá ao passivo, superior a 5 milhões de euros, que inclui as remunerações dos trabalhadores e dívidas a muitas empresas.

Os trabalhadores já fizeram uma denúncia ao Provedor de Justiça; recorreram à Inspeção Geral do Trabalho que os mandou para o Tribunal do Trabalho. Ali pediram-lhes 120 euros para abrir o processo e disseram-lhes que o apoio judiciário facultado pela Segurança Social raramente é dado e só em situações de miséria, além de que a resposta, positiva ou negativa, só vem passados 30 dias de apresentação de toda a documentação. O processo não pode portanto dar entrada no

Tribunal porque, sem rendimentos, não podem pagar seja o que for. Um gabinete de advogados a que recorreram informou-os de que estes processos demoram muitíssimo tempo e que as custas judiciais poderiam nem sequer compensar porque, neste tipo de casos, é muito difícil provar seja o que for.

Todos os dias enviam emails para os órgãos de comunicação social, na esperança de conseguir divulgar esta situação. Começaram a divulgá-la através da internet, no blogue que criaram <http://salariosnamaodopatraz.blogspot.com> e que contém muitas outras informações, como alguns textos enviados para os partidos políticos, sindicatos, órgãos de soberania e comunicação social.

Sérgio Gomes / MV

### BREVES

#### 208 anos de trabalho

Segundo dados que circulam na net, Ana Maria Fernandes, presidente da *EDP Renováveis*, tem uma remuneração anual fixa de 384 mil euros para 2008, mais uma contribuição para o plano de pensão e ainda um prémio anual e um prémio plurianual para períodos de três anos, cada um dos quais até uma verba máxima de 100% do salário base. Se todos os objectivos de desempenho forem cumpridos, Fernandes receberá mais de 1 milhão e 100 mil euros no seu primeiro ano de actividade, o que equivale a mais de 2.500 salários mínimos (426,5 euros por mês em 2008), ou seja, o trabalho de 208 anos pelo salário mínimo.

#### Tranquilidade

Diante da avalanche financeira, Sócrates tranquilizou as famílias portuguesas quanto à segurança das suas poupanças, elogiando “a boa resistência” do sistema financeiro português. Evitar o pânico é a evidente palavra de ordem dos homens do poder e do capital. Percebe-se: é que se as pessoas perderem a confiança nos bancos pode começar uma corrida aos levantamentos, e aí, como dizia um comentador económico, “seria a catástrofe”. Vivemos portanto num sistema em que, no limite, nenhuma garantia pode ser dada da parte das instituições financeiras aos seus depositantes, a não ser que estes tenham sempre total confiança naquelas. Como no caso Dona Branca.

#### 33 mulheres assassinadas

Desde o início deste ano, 33 mulheres foram assassinadas no país pelos companheiros ou ex-companheiros, mais quatro do que em todo o ano passado. Um dos últimos homicídios foi praticado por um agente da PSP a quem um tribunal já tinha retirado a arma por ameaças de morte à ex-mulher.

## BREVES

## Estrangeiros na própria casa

O Estado de Israel, continuando a política de extermínio lento do povo palestino, decidiu impedir os originários de Gaza e da Cisjordânia de juntarem livremente as suas famílias. Os originários de Gaza "apanhados" na Cisjordânia são recambiados à força para Gaza. Por motivos de origem regional, há pessoas que vivem ilegalmente... nas suas próprias casas! Organizações israelitas de direitos humanos dizem haver já centenas de palestinos atingidos por estas medidas. Justificação: Gaza, depois de ter eleito o governo do Hamas – que afronta usar a democracia para escolher um governo errado! – tornou-se uma "entidade hostil". (fonte: Haaretz/AP)

## Intox soma e segue

"A secretária de Estado norte-americana, Condoleeza Rice, considerou que a Rússia se comporta como «fora-da-lei» recusando retirar imediatamente as suas tropas da Geórgia", refere um despacho da Lusa reproduzido sem comentários pelo Expresso, pelo Diário de Notícias e pela TSF. Fora de qual lei? Os EUA só conhecem a lei da sua própria força militar e dos seus interesses imperiais. Como se pode publicar uma notícia destas sem referir que a própria Rice está à cabeça do que há de pior no banditismo e na selvajaria internacionais? Órgãos de intoxicação social...

## Sete guerras

Segundo o jornal on-line russo Lenta.Ru, Sergey Shamba, ministro dos Negócios Estrangeiros da República da Abekázia (que, como a Ossétia do Sul, faz parte da Geórgia mas é independente de facto) apelou à comunidade internacional para que proíba a Geórgia de ter forças armadas. "Nos últimos 100 anos, a Geórgia foi um Estado independente durante 21 anos: de 1918 a 1921, e de 1990 até agora. Nesses 21 anos, desencadeou 7 guerras", disse.

## Bolívia o dilema

O regime de Morales representa uma enorme ruptura porque surgiu não dos partidos políticos mas dos movimentos sociais, movimentos de massa organizados na base em torno de luta concretas. Foram eles que o levaram ao poder e o têm sustentado. Na Bolívia, a clivagem social corresponde a uma diferença étnica. Os pobres são índios ou mestiços, enquanto os ricos são descendentes dos colonizadores espanhóis. Isto faz com que os confrontos sociais sejam mais drásticos e visíveis, reforçados por uma diferença muito vincada nas tradições culturais, contribuindo para reforçar o racismo da direita.

De um lado está o peso eleitoral, porque Morales teve 67% dos votos no referendo de Agosto. Mesmo nas cinco províncias controladas pela extrema-direita, que agora reclamam autonomia, teve cerca de 40% dos votos e obteve a maioria em muitas áreas rurais. Do outro, está o peso da riqueza, porque as cinco províncias produzem 80% do rendimento nacional. Sabendo que não conseguirão dominar como antes a população pobre, a extrema-direita quer fracionar o país, ficando com as regiões ricas e entregando à miséria a maioria dos trabalhadores, que despreza enquanto pobres e odeia enquanto índios.



Lattuf, CMI Brasil

Parece que Morales preferiu procurar uma conciliação com a extrema-direita autonomista em vez de envolver-se pela ampliação da luta social. Mas haveria condições para desenvolver o confronto de classes? Morales procura uma trégua

para avançar mais tarde ou procura assegurar uma base estável pluriclassista?

Para quem está longe é muito difícil responder a estas questões. No entanto, são as questões cruciais. João Bernardo

Uma semana «à moda antiga»  
Ilegalizações no País Basco

Sessenta e nove anos depois de ilegalizada por Franco, a Acção Nacionalista Basca (ANV) voltou esta semana a ser proibida e os seus bens e arquivos históricos confiscados pelo Estado.

Os tribunais ilegalizaram na mesma semana o Partido Comunista das Terras Bascas, e a organização de apoio aos presos bascos e seus familiares. Decretados mais de dois séculos de prisão contra 21 pessoas, a nenhuma foi imputado o cometimento de qualquer delito, tendo, todas, comparecido voluntariamente a tribunal. A acusação, genérica e sem apontar materialidade factual, foi a de tratar de organizações cujos objectivos convergem «estrategicamente» com os defendidos pela ETA.

O presidente da ANV comparou os argumentos de Franco para a ilegalização com os de agora «instigados pelo governo do socialista», considerando-os «os mesmos». Zapatero traça, com a escalada repressiva no País Basco, uma linha de continuidade com a impulsionada pela direita de Aznar. Tacticamente, o uso de medidas jurídicas e policiais para criminalizar ideias, sem necessidade de provar factos delituosos, instalou-se no País Basco. Desde 2002, perto de 300 organizações foram ilegalizadas e os bens patrimoniais e arquivos confiscados pelo Estado.

Estrategicamente, trata-se da transposição de uma espiral de repressão sobre uma organização ou um sector político determinados,

para um círculo de opressão sobre toda uma sociedade. Qualquer um está sujeito a ser detido, ilegalizado, vigiado ou perseguido. As pessoas que integraram as organizações suprimidas, ou que apenas foram candidatas em listas eleitorais podem perder os empregos ou ficarem impedidas de encontrar novos empregos devido ao registo criminal 'sujo'. São-lhes retirados meios de subsistência, rodeando as próprias vida e sobrevivência com um férreo anel opressivo. Esta subtil forma de castigo, que não entra nas grandes estatísticas e nas manchetes jornalísticas, passou a integrar a vida de milhares de pessoas cujo único crime, à maneira antiga, foi a sua dissidência em relação ao regime. Rui Pereira

## Suíça Novo caso de espionagem praticado pela Securitas

A cadeia de televisão suíça TSR revelou um novo caso de espionagem e de infiltração conduzido pela empresa Securitas dentro de um grupo anti-repressão (GAR). Tal como no caso da Nestlé (ver artigo "O capital que nos espreita" publicado no MV9), suspeita-se que a infiltração em grupos de cidadãos considerados críticos é uma prática corrente da maior empresa de segurança da Suíça.

O alvo foi o GAR de Lausana, grupo que desde há anos analisa casos de repressão policial, recolhe testemunhos e aconselha pessoas que sofreram actos de repressão. Entre 2003 e 2005, foi infiltrado por uma toupeira da Securitas que operava sob falsa identidade ("Shanti") e participou activamente nas reuniões do GAR não abertas ao público, tendo tido acesso a centenas de testemunhos de vítimas de repressão policial e a dados confidenciais. Os mandatários da missão não são ainda conhecidos, mas há rumores de que seria, de novo, a Nestlé.

Confirma-se assim que o caso Nestlégate não era uma missão isolada. Aliás, "Shanti" não se limitou a infiltrar o GAR de Lausana.



Tomou parte em reuniões nacionais em Berna, em manifestações contra o Fórum Económico Mundial em Lausana e até numa manifestação em defesa dos animais. Em Genebra, participou no fórum social de Léman. À parte os casos da Nestlégate e do GAR, a TSR adiantou que várias outras toupeiras estariam ao serviço da Securitas sendo muito provável que a vigilância política seja prática corrente e faça parte duma gama de prestações "oferecidas" pela empresa.

Ontem a ATTAC, hoje o GAR – e amanhã? Um sindicato, um partido político, um jornalista? Que outros grupos e indivíduos foram espiados? Que informações foram recolhidas e por onde circularam? Com que consequências? Quem são os responsáveis por essas missões?

Trata-se de mais um caso de privatização de tarefas de espionagem?

Questões para já sem resposta.

**Isabelle Paccaud**

## O carácter de classe da candidatura de Obama

A campanha presidencial de Obama não foi lançada por um movimento de massas mas por uma parte da classe governante dos EUA e do seu aparelho político. Uns apoiaram-no para combater os Clinton dentro do Partido Democrático, outros vêem-no mais bem preparado do que Hillary e McCain para enfrentar a crise do imperialismo norte-americano.

Para Obama e seus aliados, a chamada política neoconservadora que se baseia na força militar para recolonizar o Médio Oriente e dominar o mundo foi uma catástrofe, deixando em ruínas o poder imperialista norte-americano. Obama e seus aliados querem tentar uma abordagem diferente,

mais em sintonia com a nova ordem capitalista transnacional criada pela globalização. Obama quer deixar de se apoiar unicamente na força militar e dar uma cara mais amigável ao imperialismo para reforçar a capacidade de competir economicamente com a China, a Índia, a Europa, a América Latina, etc.

A contradição é que os problemas do sistema capitalista são tantos e tão graves que Obama nem mesmo com novas ideias os pode resolver. O quase total colapso do sistema bancário mundial; o início de uma crise possivelmente mais violenta que a dos anos 30; o atoleiro de duas guerras (Iraque e Afeganistão) que os EUA não podem ganhar nem abandonar; e agora também

uma confrontação com a Rússia – eis os problemas que enfrenta o imperialismo norte-americano.

Muitos receiam que o racismo ou uma bala enterrem a candidatura de Obama – o que é uma possibilidade. Mas o problema mais sério é que Obama está cativo do sistema a que procura servir como presidente. Se Obama quer chegar à Casa Branca terá de aguentar todos os ataques e sorrir porque do que ele precisa não é a aprovação das massas mas a da classe dominante capitalista.

A campanha presidencial é simplesmente um entendimento entre eles.

**Larry Holmes**

(adaptado de *Workers World*)

### BREVES

#### A fantasia e a dura realidade

Seiscentos empregados dos 3 hotéis da Disneylândia da Califórnia, que se considera "o lugar mais feliz do mundo", manifestaram-se em frente das instalações da empresa contra os novos contratos de trabalho, que incluem discriminações salariais e seguros de saúde inoportáveis.

Os manifestantes, sob o olhar atônito de milhares de turistas, envergavam trajes das principais personagens do mundo Disney. Os patrões não gostaram nada, e a polícia também não. Resultado: o Rato Mickey, a Gata Borralheira, o Peter Pan, a Fada Sininho e outros foram presos, algemados e levados para a esquadra.

#### GM poupa

A General Motors, transnacional com sede nos EUA que fechou a fábrica de automóveis na Azambuja, prevê encerrar mais quatro unidades no mundo até 2010 para poupar mais de 6 mil milhões de euros nos próximos anos. A GM planeia reduzir em 20% os custos com a força de trabalho, e vai adoptar uma medida significativa: os reformados com mais de 65 anos deixarão de ter direito a assistência médica gratuita – ou seja, quando a força de trabalho, como mercadoria que é, deixa de lhe ser útil, o capital não se preocupa já em mantê-la em boa forma.

#### Vítimas e vítimas

O blogue basco "Un Hombre del Partido" transcreve o artigo do nosso colaborador Rui Pereira, "A vida como pena", aqui publicado em 8 de Agosto, e com versão resumida no MV-papel nº 10. Na mesma página, e a propósito do mesmo tema – a libertação de Iñaki de Juana – há um cartune em que uma apresentadora de televisão diz: "O governo vai tentar por todos os meios que Iñaki de Juana não resida nas proximidades de familiares das vítimas... Não sabemos se vai consultar as famílias dos assassinados na guerra civil que viveram 70 anos com os assassinos dos seus."

# A maior crise financeira mundial desde 1929

**A** 7 de Setembro os mercados mundiais foram encerrados. O banco central (Reserva Federal) e o Tesouro dos Estados Unidos anunciaram que iriam disponibilizar 25 milhares de milhões de dólares para salvar *Freddie Mac* e *Fanny Mae*, duas agências que subscrevem 5,4 milhões de milhões de dólares em dívidas hipotecárias nos Estados Unidos. Ao longo de várias décadas, *Freddie* e *Fanny* têm ajudado a proceder a empréstimos a 70% das famílias norte-americanas com meios para possuir casa própria. O colapso do preço das casas nos EU ocorrido em 2006 implica que centenas de milhares de famílias (muitas delas formadas por pobres, negros ou hispânicos) perderam as suas casas e outras centenas de milhares viram-se obrigadas a abandonar casas cujo valor é muito inferior ao das hipotecas. Isto levou a que os próprios *Freddie* e *Fanny* perdessem milhares de milhões de dólares.

Nos EUA, apesar de as “nacionalizações” serem absolutamente rejeitadas, a operação de salvamento de *Fanny* e *Freddie* foi na realidade uma “nacionalização”, sem precedentes desde a Depressão da década de 1930.

A 14 de Setembro, a Reserva Federal e o Tesouro tomaram de novo uma decisão histórica com a liquidação “disciplinada” dos colossais bancos de investimentos Lehman Brothers e Merrill Lynch. O Lehman Brothers declarou oficialmente falência e o Merrill Lynch foi adquirido por um dos maiores bancos mundiais, o Bank of America.

Depois da liquidação, em Março passado, do banco de investimentos Bear Stearns, esta foi a terceira operação “histórica” de gestão de crise tomada em 2008 pelo governo norte-americano. Em seis meses desapareceram três dos cinco principais bancos de investimentos dos Estados Unidos.

Estas crises particulares são o resultado “sem fim à vista” de uma crise estrutural que vem a desen-

volver-se há várias décadas e cujos efeitos hão-de fazer-se sentir durante anos ou talvez décadas. Já o mercado de acções dos EU registou a maior vaga de pânico desde o 11 de Setembro e os mercados asiáticos seguiram pelo mesmo caminho.

No entanto, para nós, militantes políticos, não interessa perdermos nos pormenores técnicos destes acontecimentos. O fundamental é apreendê-los no seu pleno significado histórico.

Desde 1945 que Nova Iorque tem sido o principal mercado mundial de capitais. Até à década de 70 os aspectos financeiros do capitalismo mundial disseram sobretudo respeito aos banqueiros e aos “especialistas”. Já na década de 60 esses especialistas começaram a ficar preocupados com a questão do valor do dólar, que não se limitava a ser a moeda dos EU, mas era usado em todo o mundo como “moeda de reserva”, considerado pelos acordos de Bretton Woods, assinados em 1944, “tão bom como o ouro” e que era detido pelos bancos centrais no mesmo plano do ouro.

Devido a problemas (como a inflação) surgidos na economia norte-americana, em 1973 o dólar deixara já de ser “tão bom como o ouro” e o sistema financeiro do pós-guerra entrou em colapso. O governo dos EU pôs fim aos acordos de Bretton Woods e decretou que o mundo inteiro passasse de um sistema de “ouro-papel” para um sistema monetário

**O sistema de crédito entrou em colapso e os “especialistas” do capitalismo não sabem como travá-lo. A sua posição de classe leva-os a fazer o possível por lançar os custos sobre os trabalhadores, os camponeses e os pobres marginalizados. A nossa tarefa é impedir que isto aconteça.**

assente meramente em papel, ou seja, de “ouro-papel” para “papel-papel”. O dólar continuou a ser a principal moeda de reserva mundial, usada extensivamente fora dos EU, mas de 1973 em diante os EU puderam obrigar o resto do mundo a apoiar-lhes sem restrições a sua própria economia interna baseada em dívidas (agora superiores a 30 milhões de milhões de dólares, tanto do governo e das empresas como dívidas individuais) e em estagnação. O resto do mundo, conduzido pela Ásia, empresta o seu excedente de dólares ao governo dos EUA, de modo a que os cidadãos norte-americanos possam continuar a usar os seus cartões de crédito. Os norte-americanos consomem, o resto do mundo produz, e em troca mandam para o estrangeiro pedacinhos de papel verde que se desvalorizam de ano para ano (desde 2002 o dólar caiu 50% relativamente ao euro). Se o resto

do mundo abandonasse este sistema, arriscar-se-ia a um colapso económico mundial “que, aliás, talvez ocorra mesmo.

Desde a década de 70 que o “neoliberalismo” tem significado o declínio económico de muitos (incluindo 80% da população norte-americana), a devastação económica de alguns (os 3 milhares de milhões de pessoas vivendo (?) com “1 a 2 dólares por dia”) e uma distribuição dos rendimentos cada vez mais desigual, em que o “valor pessoal” das 50 pessoas mais ricas do mundo é igual ao rendimento anual de 40% da população mundial. Apesar da enorme pirâmide de dívidas promovida pela política do governo norte-americano e que alastrou a todo o mundo através do “padrão dólar”, a economia “real” nunca conseguiu voltar ao dinamismo do período de 1945-1975. O resultado tem sido a criação infernal de cada vez mais “instrumentos financeiros” e de subtilidades que só os acrobatas de computador de Wall Street conseguem compreender – ou, nos últimos tempos, não conseguem. Este sistema entrou agora em colapso e os “especialistas” do capitalismo não sabem como travá-lo. A sua miopia ideológica impedem-os de compreender o problema e a sua posição social prática leva-os a fazer todo o possível por lançar os custos sobre os trabalhadores, os camponeses e os pobres marginalizados. A nossa tarefa é impedir que isto aconteça.

**Loren Goldner**

## Apostas no casino global

Nos últimos dias a AIG, a maior companhia seguradora do mundo, que opera em mais de 100 países, tem 116 mil empregados e um milhão de milhões de dólares em activos, esteve a poucas horas da bancarrota. Como a AIG não é um banco nem sequer é regulamentada pelo governo federal, o Fed teve de utilizar poderes de emergência para intervir, não só porque a AIG

emite apólices de seguro para milhões de indivíduos e empresas comerciais como também porque seguiu mais de 400 mil milhões de dólares em títulos apoiados por hipotecas e outros investimentos de risco de especuladores de todo o mundo. A AIG tomou dinheiro emprestado de muitos bancos e jogou os seus activos com o fim de aumentar os lucros. Quando as hipotecas começaram a cair e os possuidores dos títulos apoiados

por hipotecas começaram a pedir o pagamento dos seus seguros, a posição financeira da AIG deteriorou-se rapidamente. Uma companhia de seguros, que supostamente é a guardiã de fundos que devem estar disponíveis para as necessidades de emergência dos segurados, sentira-se livre para participar no casino global. **Fred Goldstein** (in «O colapso capitalista»)

# Iraque

## Um crime de guerra continuado

**A** administração Bush quer convencer-nos de que controla o Iraque. Depois de uma guerra e de uma ocupação criminosas, de ter morto mais de um milhão de iraquianos, de ter convertido 5 milhões em exilados, de ter destruído a infraestrutura do que fora uma terra próspera e de ter promovido a repartição do território por grupos que se guerreiam, os EUA procuram agora apoderar-se dos frutos da vitória numa guerra perdida.

Porque não há dúvida de que o imperialismo norte-americano perdeu a guerra. Apesar da superioridade maciça do armamento estadunidense, da falta de apoio dos países vizinhos, de lhe faltar uma base segura para organizar uma luta política, da dificuldade de estabelecer uma frente de libertação nacional unificada, a resistência iraquiana ergueu uma barreira efectiva aos ocupantes. Não existe um governo estável que controle o Iraque por conta do imperialismo norte-americano. Desde a década de 50, os iraquianos têm demonstrado que não aceitam a submissão a governos estrangeiros, mesmo ao enfrentarem o exército mais bem armado do mundo. Com notável heroísmo e nas mais difíceis circunstâncias, demonstraram-no agora de novo.

O mundo está em dívida para com o povo iraquiano. A sua resistência não se limitou a defender a honra do Iraque. Desmoralizou as tropas norte-americanas, fez o exército voluntário chegar ao limite das suas possibilidades e desencorajou o Pentágono de empreender novas acções de captura e ocupação de território. Agora as companhias petrolíferas sedeadas nos EUA, já com dezenas de milhares de milhões de dólares por ano – querem concessões privilegiadas a longo prazo para explorar o petróleo do Iraque. O complexo militar-



-industrial quer prosseguir o roubo do Tesouro norte-americano e continuar a sustentar um exército fantoche iraquiano. E os generais do Pentágono projectam a edificação de bases norte-americanas permanentes. Washington quer estabelecer um pacto que torne permanente esta exploração. Em caso algum a lei internacional admite acordos entre uma nação ocupada e o poder ocupante. Em Junho, o primeiro-ministro fantoche aceitou um pacto que poria em vigor todos aqueles acordos funestos. Mas o Parlamento iraquiano tem protelado a sua ratificação. Parece que não existe uma maioria consistente de políticos iraquianos, mesmo do regime fantoche, que esteja pronta para entregar os recursos iraquianos às firmas petrolíferas norte-americanas ou simplesmente alienar a soberania iraquiana. O que talvez não nos deva surpreender. Os 150 mil soldados e aproximadamente o mesmo número de mercenários norte-americanos – agora chamados

*contractors* – terão mais cedo ou mais tarde de deixar o país. Nessa altura os traidores iraquianos não terão quem os proteja e serão muito pouco populares. Hoje, que a ocupação conta já cinco anos e meio, as notícias do Iraque pouco lugar ocupam nos órgãos de comunicação. Os bombardeamentos tornaram-se menos frequentes e o mesmo sucedeu com as notícias de baixas entre as tropas norte-americanas, em parte porque todos aguardam as mudanças políticas em Washington. Já 75% da população norte-americana se opõe à guerra, incluindo a maior parte dos soldados. Mas um crime de guerra continua a ser um crime de guerra, e a administração Bush é tão responsável por ter desencadeado uma guerra de agressão como o foram os chefes nazis em 1939. Deve aos iraquianos indemnizações que lhes permitam reconstruir o país e ao mundo deve desculpas pelos seus crimes.

**Workers World**  
(in workers.org, 27.08.2008)

### BREVES

#### Cubanos presos nos EUA

Há 10 anos que cinco cubanos estão presos nos EUA acusados de espionagem. Na verdade, investigavam na Florida as actividades terroristas lançadas contra Cuba a partir dos EUA, que causaram mais de 3 mil vítimas, entre as quais uma explosão num avião cubano em que morreram 80 pessoas e a introdução do vírus do dengue em Cuba que causou a morte de 13 crianças. Os cinco cubanos, condenados a penas pesadas, aguardam novo julgamento mas estão privados da visita de familiares. No décimo aniversário da sua detenção, teve lugar uma jornada mundial de solidariedade exigindo um julgamento justo e a sua libertação.

#### Greve de fome

O anarquista espanhol Amadeu Casellas Ramón, detido há 22 anos em Barcelona, completou 45 dias de greve de fome. Tendo participado em assaltos a bancos nos anos 70 e 80 para financiar as lutas operárias da época, exige liberdade condicional por reunir condições legais para tal. Em mensagem, Casellas denuncia o sistema carcerário catalão “fascista e podre” e incentiva todos os que lutam “tanto dentro como fora das prisões”.

#### E a seguir?

Ao reprimir um grupo de activistas que se manifestavam junto de uma central eléctrica, a polícia inglesa apreendeu um jogo de mesa chamado *War On Terror* [Guerra contra o Terrorismo], alegando que o jogo inclui capuzes de malha que podem ser usados para cometer crimes. No jogo, os participantes criam impérios rivais e fazem guerras entre si, tal como noutros jogos conhecidos, à venda em qualquer loja de brinquedos. A diferença principal é que, neste, os jogadores podem divertir-se ridicularizando líderes mundiais, como Bush ou Blair.



27 de Outubro, 21h30

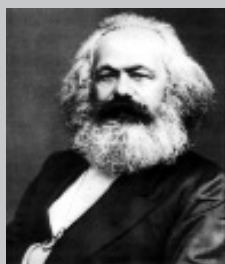
### Milestones

de Robert Kramer, John Douglas  
Seis histórias de membros da esquerda radical americana. O título alude a um poema de Ho-Chi-Mihn: "Nada de grande ou de extraordinário / Nada de imperial ou de principesco / Um simples marco de pedra".  
Cinemateca Portuguesa  
Rua Barata Salgueiro 39, Lisboa  
Tel. 213 596 200  
Bilhetes: €2,50

30 e 31 Outubro

### Mudar de Vida II

Concertos de José Mário Branco  
Grande Auditório da Culturgest  
CGD, Rua Arco do Cego, Lisboa  
Tel. Bilheteira 217 905 155  
Bilhetes: €20;  
jovens até aos 30 anos, €5  
Depois do grande concerto na Casa da Música, no Porto, o concerto «Mudar de Vida» é apresentado, meio ano depois, em Lisboa.  
Venha descobrir o que mudou.



14 e 15 Novembro

### Congresso Internacional Karl Marx

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (UNL)  
Organização: Instituto de História Contemporânea da UNL  
CULTRA – Cooperativa Cultura do Trabalho e Socialismo  
www.ihc.fcsh.unl.pt

Dê-nos conta de iniciativas que mereçam ser divulgadas.  
jornalmudardevida@gmail.com

# A liberdade é uma farsa, a segurança é uma farsa, a ordem é uma farsa

Um poema de Jorge de Sena

De cada vez que um governo necessita de segredos, por segurança do Estado ou para melhor êxito nas negociações internacionais, é o mesmo que negar, como negaram sempre desde que o mundo é mundo, a liberdade.

Sempre que um povo aceita que o seu governo, ainda que eleito com quantas tricas já se sabe, invoque a lei e a ordem para calar alguém, como fizeram sempre desde que o mundo é mundo, nega-se a liberdade.

Porque, se há algum segredo na vida pública que todos não podem saber

é porque alguém, sem saber, é o preço do negócio feito.  
E se há uma ordem e uma lei que não inclua mesmo que seja o último dos asnos e dos pulhas e o seu direito a ser como nasceu ou o fizeram, a liberdade é uma farsa, a segurança é uma farsa, a ordem é uma farsa, não há nada que não seja uma farsa, a mesma farsa representada sempre desde que o mundo é mundo, por aqueles que se arrogam ser empresários dos outros e nem pagam decentemente senão aos maus actores.

## Sites e blogues recomendáveis em língua portuguesa

### Portugal

#### Pimenta Negra

Um blogue sobre os movimentos sociais, a ecologia, a contra-cultura, os livros, com uma perspectiva crítica sobre todas as formas de poder.

<http://pimentanegra.blogspot.com>

#### O Comuneiro

(...) De todos os cantos do mundo se levanta um mesmo clamor de revolta. 'O Comuneiro' pretende ser, dentro do mundo da língua portuguesa, um pequeno laboratório de pesquisa na busca de um propósito articulado nesta revolta. (...)

[www.ocomuneiro.com](http://www.ocomuneiro.com)

#### Tempo das Cerejas\*

Um blogue de esquerda em homenagem à Comuna de Paris (26 de Março a 28 de Maio de 1871).

\* *Título de canção de Jean Baptiste Clément (letra) e Antoine Renard (música) possivelmente escrita em 1866. Algumas informações apontam, porém, para o facto de ter sido escrita sob a influência da «semana sangrenta» em que dezenas de milhar de combatentes da Comuna foram cruelmente massacrados e de a última estrofe ter sido dedicada a uma enfermeira morta em defesa da Comuna.*

<http://tempodascerejas.blogspot.com>

#### Caminhos da Memória

Um blogue que pretende dar voz a formas de evocar e interpretar o passado, recorrendo a leituras contemporâneas da história e da memória.

<http://caminhosdamemoria.wordpress.com>

Pedro Goulart

### Brasil

O dinamismo e o esforço de renovação caracterizam vários sectores da esquerda anticapitalista brasileira.

#### Centro de Mídia Independente

Relatos de acções dos movimentos sociais e repressão não noticiadas nos grandes órgãos de comunicação. Misturados com textos e vídeos muito interessantes, há textos de direita e de extrema-direita. Parece-nos equivocada esta noção da liberdade de expressão num site declaradamente anticapitalista.

<http://www.midiaindependente.org>

#### Crítica Social

Anticapitalista, com textos de intervenção e análises teóricas inovadoras.

Na página inicial, o Samba da Mais-Valia para saber a diferença entre a extrema-esquerda brasileira e a portuguesa.

<http://kritica-social.blogspot.com>

#### Universidade Popular

Sobre o movimento estudantil, onde se sai da velha problemática da modernização do ensino e se coloca a questão de uma nova universidade, resultante de uma luta em comum com os movimentos sociais.

<http://www.universidadepopular.blogspot.com>

#### Sopros

com uma visão muito crítica dos conflitos sociais em áreas que os incautos julgam menos contraditórias.

<http://coletivosopros.wordpress.com>

João Bernardo

França: famílias ciganas metidas à força num comboio

## “Isto não vos lembra nada?”

Em 17 de Setembro, precisamente no dia seguinte à primeira cimeira sobre os ciganos organizada em Bruxelas pela Comissão Europeia, a polícia de choque francesa expulsou várias dezenas de ciganos originários da Roménia, que habitavam precariamente no estacionamento da estação de metro de Massy-Palaiseau, nos arredores de Paris.

**E**nquanto um bulldozer arrasava barracas e limpava o terreno, o comandante da polícia gritava: “Para a estação!”. Carregadas com sacos e malas, as famílias de ciganos puseram-se lentamente em movimento. As crianças choravam, os homens cantavam. Antes de entrarem na estação, pararam e recusaram-se a prosseguir. Os homens gritavam a sua indignação por serem tratados assim. José Vieira conta-nos que disse a um dos polícias de choque: “Polícias, pessoas com malas e uma estação, isto não lhe lembra nada?” Com efeito, as imagens das filas de judeus a serem metidos em combóios pela polícia francesa, às ordens dos ocupantes nazis, permanecem muito presentes na memória dos franceses. Mulheres ciganas, sentadas em malas, dando de mamar aos bebés, crianças que só tinham os sacos e as trouxas para brincar, famílias inteiras num cais de estação cercadas pela polícia que as obrigou a subir para um combóio. E como o cais tinha como fundo uma ponte pedonal em obras, estranhamente semelhante aos postos de vigia dos campos de concentração, o cenário mais ainda estava carregado de símbolos. Em Longjumeau, a primeira estação após Massy-Palaiseau, houve quem quisesse apear-se. Logo os polícias saltaram do combóio para os impedir. Na correspondência de Juvisy, um grupo que tinha conseguido sair da estação foi apanhado, impedido de apanhar um autocarro e de novo enfiado no combóio. Mas não foram estes os únicos elementos de ligação com o passado histórico. A José Vieira, que os interpellava, polícias e funcionários dos caminhos-de-ferro respondiam que estavam a cumprir ordens. Uma jovem jornalista de um diário, conta José Vieira,



viu o mesmo que eu vi e nada disse no seu artigo sobre a ignomínia a que assistira. Tirando alguns raros passantes, não vi ninguém perguntar nada ou sequer compadecer-se. Vi alguns olhares hostis, mas na sua maioria os passageiros não pareciam tocados por estas imagens. Os que saíam, apressavam-se a sair; e os que entravam, evitavam as carruagens onde estavam amontoados os ciganos.

Também durante a ocupação nazi da França, foram muitos os que fingiram não ver.

**MV** (sobre uma reportagem enviada de Paris por José Vieira)

## Uns e outros

Tal como os judeus, os ciganos foram perseguidos e liquidados tanto pelos Comandos de Extermínio como em campos de concentração, mas a sua limitada importância no mundo contemporâneo fez com que não ocupassem qualquer lugar de relevo na encenação nazi do grande mito rácico ou, pelo menos, viram-se reduzidos pelos fabricantes da história ao lugar de figurantes mudos.

O procurador-geral israelita, encarregado da acusação no julgamento de Adolf Eichmann, admitiu, numa conversa privada, que o genocídio dos judeus pelos nazis teria constituído um acto mais criminoso do que a chacina dos ciganos, um povo alegadamente desprovido de cultura própria. Opiniões deste género permitem compreender que, apesar de Eichmann ter reconhecido no interrogatório a que foi sujeito pela polícia israelita que o seu departamento organizara a liquidação de dezenas de milhares de ciganos, o tribunal considerasse o facto como não provado. Aliás, os magistrados israelitas podiam invocar um precedente de peso, porque o tribunal militar internacional de Nuremberga não mencionou sequer o genocídio dos ciganos. E em 1950 o psiquiatra que exercera as funções de responsável científico pelo recenseamento deste povo, organizado com vista ao seu extermínio, foi absolvido pelos juízes alemães. A mesma história que regista o destino fatal de uns esquece o de outros.

**João Bernardo**  
in “Labirintos do Fascismo”.

## Pauzinho na eng<sup>R</sup>enagem

Manuel da Palma

Achas que o capitalismo pode devorar-se a si próprio?

Depende. Se não tiver mais nada para comer...

## DITO

Não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht (1989-1956)